

## **“O MUNDO RESPLANDESCENTE” (1666): NARRATIVA E PROTAGONISMO FEMININO NA LITERATURA UTÓPICA MODERNA**

Paola Povosian Freitas Calle <sup>1</sup>, Ana Carolina Nascimento <sup>2</sup>, Jhenifer da Rocha Gallo <sup>3</sup>, Silvia Regina Liebel<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de História Licenciatura – FAED bolsista PIVIC/UDESC

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de História Licenciatura – FAED bolsista PIVIC/UDESC

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de História Licenciatura – FAED bolsista PIVIC/UDESC

<sup>2</sup>Orientadora, Departamento de História da FAED/UDESC. – liebel.seiziemiste@gmail.com

Palavras-chave: utopias literárias. Representação. mulheres.

O presente artigo é produzido com o intuito de tornar-se o relatório final de bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa intitulado “Utopias modernas: literatura e construção da ordem (1467-1699)”. O projeto estuda a literatura utópica europeia da Idade Moderna no recorte de tempo supracitado, estabelecido pelo ano de redação da utopia mais recuada no tempo que analisamos, escrita por Francesco Colonna em 1467, e pela utopia mais recente, publicada por François Fénelon em 1699. A pesquisa tem por objetivo coletar e analisar algumas das obras do mesmo gênero literário escritas no período, buscando compreender em que medida elas se relacionam, suas similaridades e diferenças, de modo que nos ajudem a entender a formação da ordem moderna. Assim, procuramos observar de que maneira essas obras foram utilizadas para fugir e ao mesmo tempo reconstruir a realidade da ordem vivida no contexto dos autores, período repleto de transformações políticas, religiosas, culturais, etc.

Encaramos essas obras sob a perspectiva da História Cultural, pois as utopias literárias podem ser vistas como valiosas fontes para a análise de representações produzidas pelas sociedades modernas, possibilitando a investigação dos modos de pensar desta época de mudanças significativas. Portanto, teorias que abarcam as relações entre História e Literatura, a cultura escrita, os diversos sentidos criados pelos/as leitores/as no ato de ler, o próprio mercado e circulação do impresso, entre outras, nos guiam e auxiliam nesta pesquisa. Tomamos por nossa responsabilidade mais que tentar apenas fazer ligações entre acontecimentos estudados e o que está escrito na obra, analisar o que permitiu ao autor/a chegar às suas conclusões e expressar-se da maneira que o fez.

Seguindo os caminhos explanados acima, o recorte escolhido para ser explorado neste artigo é o século XVII inglês, em que foi publicada a obra *The Blazing World* (1666), da duquesa Margaret Cavendish, conhecida por ser a primeira mulher na Inglaterra a publicar textos de autoria própria sem fazer uso de um pseudônimo. Traduzida para o português como “O Mundo Resplandescente”, a obra pode ser entendida como transgressora em comparação às outras do gênero por colocar como personagem principal uma mulher, que ao longo da narrativa tomará

posição central numa sociedade imaginada recém-construída. O ponto de interesse central deste trabalho é o que levou nossa autora a reproduzir determinada representação acerca do feminino e de suas relações sociais, mas também transgredir alguns pontos dessas representações, fazendo uma mediação entre o simbólico (a utopia escrita) e o real (a sociedade em que a autora vivia), procurando analisar o que estava em conformidade com a ordem social existente e o que se propunha de novo.